

“Se for mulher na banca, eu tô ferrado”

(Análise de redações do vestibular
UFSC/95 sobre a temática de gêneros)*

Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)
Pós-Graduação em Letras Literatura Brasileira e Teoria Literária

Resumo

Em 1995, naquilo que vamos considerar como “variações em torno do mesmo tema”, foram dadas três possibilidades de desenvolvimento temático da redação do Vestibular da UFSC: uma visão machista, uma perspectiva feminista e uma matéria jornalística, mais imparcial, sobre a presença da mulher no mercado de trabalho.

A partir das escolhas os(as) vestibulandos(as) desenvolveram suas idéias, chegando

Abstract

In 1995, candidates for admission at the Federal University of Santa Catarina were required to write an essay about the situation of contemporary woman, based on three selected texts. The analysis of a sample of their writings may serve as a warning of the difficulties young people have in dealing with their own lives. Especially of their readings of femininity and masculinity.

* Selected Compositions by candidates for admission at the Federal University of Santa Catarina

a conclusões como “há mulheres que são verdadeiros homens” ou “as mulheres são os seres mais inteligentes das espécies vivas”.

Uma amostragem pode servir de alerta para a dificuldade do(a) jovem expressar opiniões sobre questões que lhes dizem respeito diretamente e como a sua leitura do feminino e do masculino na sociedade contemporânea é ainda hoje preconceituosa ou idealizada.

A consciência do poder da mulher talvez tenha se manifestado em, uma nada discreta observação final de um(a) candidato(a), que serve de título: *Se for mulher na banca tô ferrado.*

Palavras-chave: feminismo, vestibular, competência lingüística.

Ser mulher é tão bom, às vezes!!! Este foi o título de uma redação do Vestibular da UFSC, em 1995, título que prenuncia ou anuncia as únicas possibilidades narrativas que a vestibulanda ou o vestibulando encontrou para desenvolver o tema proposto.

As formuladoras ou os formuladores da prova de Português, e mais especificamente da questão relacionada à redação, repetiram em 95 praticamente o tema da redação do vestibular de 93. Não se pode desconsiderar a prova de 1990 que propôs a produção de um texto sobre decotes femininos e a volúpia masculina.

Keywords: femininity; candidates for admission; linguistic competition.

Esta obsessão temática dos professores ou professoras que elaboraram as provas do vestibular da UFSC, se não serviu para avaliar o domínio lingüístico, nem o uso consciente da linguagem, são um instrumento importante para se conhecer, pelo que tem de identidade cultural, a representação do masculino e do feminino em um determinado contexto contemporâneo.

Optamos por apresentar neste **Fazendo gênero**, não uma análise, mas uma amostragem destes textos. Há que se ressaltar que sou professora de Literatura e o meu objeto está muito mais para aquilo que Julia Kristeva desenvolve como uma produtividade dita texto. Sei, no entanto que, enquanto avaliadora de uma etapa da prova de Português, e mesmo considerando a indissociabilidade forma/conteúdo, a leitura aprofundada das questões postas neste contexto fica diluída em desacertos formais. Trago este metatexto como possibilidade de uma futura reflexão teórica através de uma abordagem interdisciplinar, especialmente com as áreas de psicologia, sociologia, comunicação e pedagogia, que leve a conclusões não definitivas mas mais consistentes.

Começo por mostrar a vocês o que os vestibulandos e as vestibulandas escreveram no Vestibular de 1993, a partir das relações familiares no grupo doméstico:

...muitas vezes o pai e eu somos chamados para arrumar a mesa ou enxugar a louça ou fazer outro serviço que eu pensei que fosse só das mulheres (Maria de Lourdes Krieger Locks).

Reflexões sobre comportamentos e posturas no âmbito familiar foram constantes. Interessante ressaltar que muitas candidatas e candidatos avançaram na discussão, comentando que, na maioria das vezes, a igualdade de direitos só é buscada por uma classe economicamente estável. Outros foram parciais ao dizer que, com o incentivo do homem ajudar em casa, se corre o risco da escravidão masculina, que já se vê com dupla ou tripla jornada de trabalho. Houve aquele que afirmou que a origem dos conflitos está na forma diferente dos pais criarem meninos e meninas: *os pais ensinam os filhos a passarem a mão nas mulheres e os mesmos pais ensinam as filhas a serem contidas*

e recatadas, não passando a mão e não deixando os outros passarem.

Muitos disseram que trabalhar fora só é importante porque a mulher traz dinheiro para casa e assim ajuda o marido. Não foram poucos os que argumentaram que o homem só deve ajudar a mulher nas tarefas domésticas se a mulher trabalhar fora, pois, caso contrário, ela pode dar conta de tudo sozinha. Por que não mencionar aqueles que resolveram dar uma debochada ou tresloucada lição de filologia? *A palavra femenino é formada de duas partes: fé e menos, possivelmente os antigos queriam dizer que femenino é aquela que fé de menos.* Outro ponderou que “femenina” tem alguma coisa a ver com a fé das meninas. E completa: *Nós, homens, designamos de femeninas os outros seres.*

Escrevemos porque lemos, vemos, ouvimos, conversamos, vivemos. O que lêem, vêem, ouvem, conversam, vivem quando o conhecimento é elaborado através destas bricolagens?

Joana D'Arc ficou famosa porque queimou seus soutiens em praça pública.

Existem dois sexos na humanidade: o masculino usado pelos homens e o feminino usado pelas mulheres.

A nossa cabeça tinha que ser redonda para o pensamento poder circular. Uma das escritoras feministas mais famosas foi Madame Bovary.

A inclusão de títulos vindos do filme em cartaz em janeiro de 1993, **Mudança de hábito**, do filme de Pedro Almodóvar, **Mulheres à beira de um ataque de nervos**, do programa televisivo, **Nosso homem na cozinha**, do título de um rock, **Elas invadiram nossa praia**, são sintomas de uma certa sintonia da candidata ou do candidato com as coisas à sua volta.

Ao lado da barbárie, registro alguns textos que articularam boas imagens e antíteses, conseguindo privilegiar muito mais o significante do que o significado:

Parto e prato não são apenas resultantes da inversão de duas letras. São palavras por demais coladas no destino-mulher.

A emancipação da mulher passa por este rito de passagem: de dona de casa à casa sem dono.

Registro igualmente uma redação com bom domínio lingüístico e maturidade que foi concluída com a seguinte reflexão, que se não avança teoricamente, mostra pelo menos um conhecimento do que a vem a ser gênero, em seu sentido amplo: “Quanto ao resto... O que designa ação, gestos, movimentos, atitudes, serviços, é sempre um verbo. E os verbos não variam em gênero”.

Por conclusões como estas é que se pode dizer que foi positiva a possibilidade que a Universidade Federal de Santa Catarina deu a aproximadamente 35.000 vestibulandos e vestibulandas em dois vestibulares, de transformarem em linguagem a sua concepção dos papéis sociais ou a sua leitura de experiências familiares. Através de clichês, imagens estereotipadas e idealizadas, cada texto foi a expressão possível das inserções dos jovens e das jovens nas relações inter-sexuais, especialmente no que se refere a extratos sócio – culturais.

Trago agora um fragmento de um texto irreverente. Poderia servir de exemplo de como não se escreve uma redação no Vestibular, mas opto por mostrá-lo como ilustrador de um ponto de vista definido e de uma subjetividade exacerbada. Ele pode ser considerado a síntese de uma postura predominante entre os candidatos:

As mulheres poderiam tomar o poder através do sexo. Genial. Eu, pessoalmente, não me importaria de lavar e enxugar louças caso tivesse uma linda mulher para me sustentar. E uma linda amante para me agradar. Claro! Mulheres: ruim com elas, pior sem elas. Agora, pior mesmo foi eu ter fugido deste jeito da conclusão da redação. Que cagada! Mas ah! tudo bem... 90% de chance de eu já ter zerado em matemática. Mas valeu pela vinda a Florianópolis, em pleno verão. Belas mulheres...

Em 1995, o pedido de uma **dissertação** e a possibilidade de escolha entre três textos com três diferentes pontos-de-vista com um mesmo eixo temático, o que nos possibilita chamar de “variações em torno do mesmo tema”, deixaram as candidatas

e os candidatos amarrados e confusos. Era para escolher um, dois, ou precisava-se articular os três em um único texto? A primeira opção eram versos de uma conhecida canção de Wilson Batista e Haroldo Lobo. A segunda uma frase da feminista Virgínia Woolf e, por último, um fragmento extraído da revista VEJA (Edição 1352, de 03-08-94) sobre o trabalho da mulher. Uma visão machista, uma feminista e uma matéria jornalística, avaliadora da presença da mulher no mercado de trabalho brasileiro. Os três textos eram centrados na mulher:

Quero uma mulher
que saiba lavar e cozinhar
e de manhã cedo
me acorde na hora de trabalhar.

(Wilson Batista e Haroldo Lobo)

Possuir algum dinheiro e um espaço individual é condição essencial para a mulher poder viver a sua identidade.

(Virgínia Woolf)

Casar segue sendo a grande aspiração da jovem brasileira. Só que acoplada a toda uma gama de outros verbos, como trabalhar e ter independência financeira. (...) No Brasil, a mulher que quer, que precisa trabalhar acaba dando um salto de trapezista, sem rede de sustentação – última a ser contratada, primeira a ser demitida, não tem sequer a garantia de creche ou pré-escola para os filhos. (...) Poder ser mulher, não ter rótulo, conseguir se movimentar em esferas públicas e privadas – eis a agenda da mulher de hoje.

(VEJA, Edição 1352, 13-05-1994)

Pela facilidade de suas características (primeira pessoa e elementos do cotidiano) o primeiro texto foi o preferido. Interessante é que as vestibulandas e os vestibulandos não o reconheciam como versos de uma música e o interpretavam como um anúncio classificado. Este equívoco possibilitou a explícita manifestação de posturas radicais, calcadas em argumentos frágeis, seja pelas subjetividades, seja pelas pretensas objetividades.

Um grande número de candidatos, implícita ou explicitamente, partiu da premissa de que são professoras-mulheres que corrigem as redações, logo teriam que fazer uma

redação que as agradasse ou as convencesse: *Temos que parecer machistas derrotados, para sermos aprovados, pois esta redação deve ser corrigida por alguma professora feminista.*

Se na redação de 1993, as candidatas e os candidatos avançaram nas discussões, em 1995 a ênfase e o rumo encontrados deram-se apenas pelo caminho das diferenças e dos antagonismos entre os sexos, como se a única saída fosse encarar o mundo de forma machista ou menos machista. Ao exemplificar, chama-se a atenção para a fragilidade dos argumentos ou para os equívocos conceituais:

As mulheres machistas não aceitam as mulheres femininas, porque as primeiras são a favor do casamento e as segundas não.

A mulher é um ser impensante.

O homem é o predatório da mulher.

O homem não vive sem mulher. Nós, mulheres, vivemos melhor se vivemos sem homens.

Neste culto às diferenças, afloraram também os preconceitos que beiram o *non sense*. Ao mesmo tempo que eles possibilitam o riso incômodo de nós, leitoras ou leitores, pela perplexidade e pela inquietação, eles ratificam posturas disseminadas pela tradição e pelas leituras sempre em oposição. Vejamos:

As mulheres do norte são seres inferiores em relação às mulheres do sul.

Se ela não ficar em casa, quem é que vai lavar a minha roupa?

A mulher é uma espécie de reserva biológica do homem.

É melhor acalmar os nervos e lembrarmos que todos somos homens independente do sexo.

Se uma candidata opõe-se a este tipo de leitura, concluindo que as feministas andam com suas bandeiras “hasteadas”, este feminismo, de certa forma panfletário, manifesta-se em frases como:

Chegará o dia em que a mulher será o animal mais inteligente das espécies vivas.

A mulher brasileira é a mais cobiçada de todos os hemisférios.

A mulher vive em conflito. Passou anos com o sonho de achar seu homem. Agora ela acha e sonha com o modo de perder seu homem e achar outro e assim consecutivamente.

Como esta reflexão objetiva demonstrar o que representou para as candidatas ou candidatos pensar e escrever sobre as papéis sociais e culturais e uma crise da identidade feminina, optei por destacar especialmente os problemas mais significativos, para que professoras e professores de primeiro, segundo e terceiro graus, e por que não a família, repensem em formas de atuação que supram as deficiências formais, mas muito mais possibilitem um questionamento sobre estas “verdades” incorporadas pelas alunas e pelos alunos que estão acabando de sair da educação formal e regular. Escrever é trabalho social e ele se aprende. O diálogo interdisciplinar e a revitalização de discussões, que passem pela avaliação das práticas familiares e por esferas da história, da geografia, da ciência, da filosofia, da psicologia e, especialmente, da sociologia, são os caminhos capazes de fazer a juventude pensar diferente sobre as diferenças.

Fica evidente, na leitura dos textos, cuja temática passa pela repetição, que as posturas diante da vida destas futuras universitárias ou pretensos universitários estão ideologicamente marcadas pela aprendizagem informal ou por preconceitos adquiridos pela tradição.

Ressalte-se, mais uma vez, que a opinião esvaziada de fundamentos científicos e críticos é o principal sintoma da origem de seus desconhecimentos. Paremos para pensar na desconexão entre “vida e texto”, através de afirmações como:

Porque há muitos homens que escravizam as esposas é que crescem o número de apartadas e solteironas.

Quando a mulher não tem mais nenhuma opção na vida ainda lhe resta ser doméstica, cozinheira ou professora.

Há mulheres que são verdadeiros homens.

É pela quantidade de hematomas que se conhece a infelicidade feminina. As mulheres que dirigem caminhão são lésbicas ou machonas, porque precisam de força e coragem.

Deus deu à mulher beleza e virilidade.

A mulher é um ser racial.

O problema é que a mulher foi descoberta há pouco tempo.

Os homens não levam o menor jeito para ser mãe.

Por outro lado, quando as jovens e os jovens tentam se posicionar ou fazer afirmações para demonstrar a sua suposta erudição, são as inadequações vocabulares ou a escolha de palavras empregadas e selecionadas, que causam uma grande estranheza:

A vida conjugada (*conjugal*) não é nada fácil.

A Lei Magma (*Carta Magna*) é importante.

Elas são bem feitoras (*benfeitoras*).

A mulher precisa saber que tem direito à sua carta de euforia (*carta de alforria*).

Devemos encarar isto com mais positivismo (*otimismo*).

Na vida tudo acontece em círculos (*em ciclos*).

À baixo (Abaixo) do homem vem a mulher.

A mulher tem tudo haver (*a ver*) com o homem.

Ela precisa vencer o extres (*estresse*).

Muitos séculos há trás (*atrás*) tudo era diferente.

A inadequação vocabular passou também e explicitamente pela criação de neologismos ou pelo emprego incorreto das palavras aprendidas em outros contextos:

A mulher tem que aceitar o rejeito (a rejeição) masculino nas fábricas. Os pais devem entender a miscigenização (a diferença) na criação de meninos e meninas.

Ressalta-se ainda a dificuldade de fugirem de determinados clichês ou apelos, vazios de significado e de sentido:

Mulher, deixe de ser um objeto usado e abusado pelo homem e volte a seu lugar de origem.

Vamos tirar a palavra machismo do dicionário para acabar com este mal da sociedade.

Por favor, mulher, não dê o passo maior do que sua saia justa, porque pode rasgá-la.

Mulheres, uni-vos!

Esta inadequação vocabular traz-nos outros exemplos de exageros retóricos, através da construção de frases de efeito. O

máximo conseguido é um conglomerado momentâneo de palavras:

A mulher é uma verdade inofismável, é a existência de um ser divino, é a presença de Deus na terra.

Esta redação demonstra o orgulho que sinto por ti, ó minha mãe!

O que se pode esperar ainda de dissertações intituladas: *A mulher em seu meio vital brasileiro, Cama, mesa, tanque, trabalho e amor; Objeto Sensual com QI elevado; Mulher: basculante de homem; Que trabalho é ser mulher?*? Destaco a boa dissertação que começava e terminava com a imagem *Ave Maria, cheia de graça. Ou desgraças* e aquela que baseada no primeiro texto, intitulada *Senior*, relatava a situação da Idade Média, quando a mulher dirigia-se ao marido, empregando a palavra “senior”, transpondo dessa maneira, a ética das relações próprias do feudalismo para o espaço doméstico. Ao lado destas, que se destacaram pela diferença, há aquelas, cujos problemas gráficos se manifestam já explicitamente nos próprios títulos: *A Mulher assima de tudo; Maxismo; Homem versos Mulher*.

Chamamos a atenção para a não capacidade crítica para perceber que alguns títulos ou reflexões, que se dão através de determinadas palavras ou expressões, permitem a ambigüidade de sentido. A inocência ou a ingenuidade inicial podem ser um equivocado caminho para posterior exercício de elaboração textual, o que parece não lhes preocupar, haja vista a naturalidade, com que verbalizam as suas avaliações do cotidiano:

Um exemplo de preconceito doentio: um homem que fica com várias mulheres é macho. A mulher que fica com vários homens é galinha, ou perdoem a expressão, é puta mesmo.

A mulher passa o dia de cão e à noite precisa ser uma cadela.

A mulher tem que respeitar as colocações diárias do marido.

Na próxima vez quero ter pintinho.

Mulher: novas posições.

Os homens preferem as baixinhas e feinhas que nunca farão nada por trás deles e não os desonrarão.

Se considerarmos as redações dos primeiros vestibulares não resta dúvida que houve uma melhora significativa. A explicitação destes problemas, porém, busca demonstrar que, resguardadas algumas boas exceções e reconhecendo que a redação no Vestibular é uma forma de pressão para que as escolas se conscientizem da importância da produção textual, a massificação das informações produzida pela indústria cultural e a influência da comunicação de massa têm sido mecanismos eficazes para que assimilem indiscriminadamente uma suposta cultura geral, sem o menor suporte crítico.

Há exceções e não podemos perder de vista que a nossa leitura é feita a partir de uma amostragem representativa, mas não totalitária. Registrarmos como exemplo de um bom texto, aquele que apresentou uma interessante reflexão sobre o conflito da contemporaneidade diante de lugares nunca dantes ocupados:

Enquanto a mulher luta pela vitória de seus novos anseios e pela superação dos obstáculos que ainda existem, o homem, perplexo, tenta entender e conviver com o impasse deste novo tempo: compartilhar da queima simbólica de soutiens, que representam as amarras seculares, e do cultivo da herança romântica de continuar abrindo portas e oferecendo flores.

Quero terminar esta intervenção dizendo que os textos são evidência de uma socialização sexuada, vivenciada cotidianamente por cada jovem, desde seu nascimento, reforçada pela escola, pelo trabalho, pelas práticas culturais, onde vamos aprendendo uma língua com a qual falamos de nós, homens e mulheres, nos pensamos e nos representamos. Grande parte das falas escritas dos textos avaliados acham-se constituída da mesma linguagem patriarcal e sexista que nos discrimina, silencia e anula enquanto sujeitos sociais e políticos. Vejamos, por exemplo, como a “desconstrução” ainda está se processando na leitura da identidade mulher:

Você sabe o que é a **Mulher**? É aquela que tem o **M** de muita coisa, o **U** de universal, o **L** de querem liberdade, o **H** de achar um grande homem, o **E** de eternidade que é o primeiro desejo e o **R** de revolta contra tudo.

E este texto, marcado pela ingenuidade e pela alienação, tem como contraponto aquele texto que falou de um lugar determinado, mas que parece ter intuído que as relações de gênero e a forma concreta que elas tomam nas relações entre homens e mulheres, são também relações de poder, já que traduzem controle, conflito, oposição, resistência e luta. Vem daí o irreverente *post scriptum*: **se for mulher na banca eu tô ferrado.**

Referências Bibliográficas

- RAMOS, Tânia. O texto da tribo. In: *Linha D'água*, n.10, julho 1996. USP/SP, p.25-31.
- CERTEAU, Michel. Invenção do cotidiano. In: *Linha D'água*, n.10, julho 1996. USP : São Paulo, p.31-46.
- QUEIROZ, Vera. *Feminino e Literatura*. Tempo brasileiro, n. 101, abr./jun. 1990, p. 5-167.